



OS

WFL

**GA
DE**

**O RETRATO DE
DORIAN GRAY**

tradução de
JOSÉ GERALDO COUTO

apresentação e notas de
FÁTIMA MESQUITA

ilustração de
ZANSKY



© **Panda Books**

Diretor editorial **Marcelo Duarte**
Diretora comercial **Patth Pachas**
Diretora de projetos especiais **Tatiana Fulas**
Coordenadora editorial **Vanessa Sayuri Sawada**
Assistente editorial **Olívia Tavares**

Coordenação da coleção **Fernando Nuno e Silvana Salerno**
Projeto gráfico **Gustavo Piqueira e Samia Jacintho | Casa Rex**
Diagramação **Gustavo Piqueira, Samia Jacintho e Carol Vapsys | Casa Rex**
Ilustração **Zansky**
Revisão da tradução **Ibraíma Dafonte Tavares**
Preparação **Estúdio Sabiá**
Revisão **Valéria Braga Sanalios, Nana Rodrigues e Ana Maria Barbosa**
Imagem p. 1 **Oscar Wilde © Napoleon Sarony/Library of Congress**
Impressão **Loyola**

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W662r
Wilde, Oscar, 1854-1900
O retrato de Dorian Gray/Oscar Wilde; ilustração Zansky; tradução
José Geraldo Couto. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2021. 296 pp.

Tradução de: *The Picture of Dorian Gray*
ISBN 978-65-5697-101-8

1. Ficção irlandesa. I. Zansky. II. Couto, José Geraldo. III. Título.
Meri Gleice Rodrigues de Souza – CRB-7/6439

21-69068 CDD: 828.99153
CDU: 82-3(415)

2021

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.
Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41
05413-010 – São Paulo, SP
Tel./Fax: (11) 3088-8444
edoriginal@pandabooks.com.br | www.pandabooks.com.br
Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



APRESENTAÇÃO p. 11

O PREFÁCIO p. 19

MAPA DE PERSONAGENS p. 290

BIOGRAFIAS p. 292



I

p. 23



II

p. 37



III

p. 55



IV

p. 73



V

p. 91



VI

p. 105



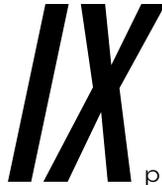
VII

p. 117



VIII

p. 131



IX

p. 147



X

p. 161



XI

p. 171



XII

p. 195



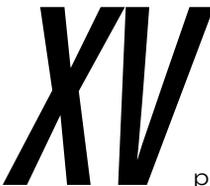
XIII

p. 205



XIV

p. 213



XV

p. 227



XVI

p. 241



XVII

p. 251



XVIII

p. 259



XIX

p. 271



XX

p. 283





APRESENTAÇÃO

SOPA IMORTAL DE LETRINHAS NÍVEL HIGHLANDER MASTER

Então, aqui está você, decidida(o) — ou ao menos tentada(o) — a ler um clássico, um conjunto de palavras e ideias que um belo dia saiu da cabeça de uma escritora ou um escritor e que vem vindo, ano após ano, enredando leitores de todo tipo, de toda idade, de toda língua, de toda natureza. O que você tem nas mãos — se liga — já é só por isso um tesouro, porque, quando você mergulha na trama e no drama de um clássico, está participando de uma experiência coletiva inacreditável. Sente o poder?

Pois os clássicos são isso mesmo: são puro poder. Eles são o que fica, o que não se apaga, não se deleta, e a gente logo detecta que, vira e mexe, eles se esticam, crescem, muitas vezes virando filme, influenciando novos autores, roteiristas, letristas de música, poetas, autores de novelas, conversas de boteco e muito mais — sim, porque às vezes eles influenciam até a maneira como a gente vê o mundo, como se comporta nele... É um poder cósmico e concentrado aí numa sopa imortal de letrinhas nível *highlander master*! Bora encarar?

Ah, eu entendo. Às vezes a linguagem é tão estranha que a gente tropeça e cai de boca na preguiça. Outras vezes, o desânimo vem de trechos de descrição sem fim, ou uma cuspição de referências que cansam, umas trancas chatas, viu? E é verdade: tem uns períodos do passado escrito da nossa história de seres humanos em que as pessoas pareciam bater palma e passar pano direto pra isso na literatura.

Mas imagino cá com minhas teclas que você tenha uma cabeça aberta, certo? Então, escancara mesmo, se deixe levar por países, cidades, tempos, costumes, leis, tradições, sabores e amores tão distantes da gente, mas tão pertinho da nossa humanidade. Se larga aí num canto gostoso, se esparrama num sofá, ou cava espaço no aperto do trem, no sacolejo do ônibus, na zoeira do metrô e mergulha no classicão que aqui está. Você irá automaticamente adentrar uma rave de milhões de almas, de agora e do passado, que já curtiram o que você está prestes a decodificar neste instante. E deixe com os beques aqui a defesa da sua sanidade, porque a gente incluiu nestas páginas uma montanha de comentários que vão facilitar sua leitura, esclarecendo palavras, revelando contextos e tretas diversos — e várias vezes até abrindo novas portas para outras curiosidades que têm a ver com a história. E tudo isso com um bom humor danado!

Então seja bem-vinda(o) à nossa coleção de clássicos internacionais: mete os peitos, *pow!*

ESCANDALOSO E GOSTOSO

Bela escolha, parça: ler Oscar Wilde e seu romance lacrador que mudou os rumos da prosa! Este livro da Inglaterra dos finalmentes do século XVIII — e que é, inclusive, o único romance escrito por Wilde — se encaixa na prateleira do que a gente chama de “fantasia”, em termos de gêneros de literatura. E isso quer dizer que nele as regras da ciência e as regras sociais reais não têm vez: o que vale mesmo é a imaginação solta que arquiteta um mundo irreal, mas que, bem bolado, soa pra gente como um universo que faz sentido dentro dele mesmo.

O retrato de Dorian Gray foi publicado em 1890 numa revista de Filadélfia, nos Estados Unidos, chamada *Lippincott's Monthly Magazine*, e que também imprimiu textinhos importantes de outras feras, como Arthur Conan Doyle (o cara que inventou Sherlock Holmes) e Rudyard Kipling (criador de Mowgli), por exemplo. Depois,

já no ano seguinte, a obra saiu no formato de livro, mas com vários capítulos e frases cortados, além de uma introdução cunhada pelo próprio Oscar entupida de explicações e de uma defesa do texto, porque a verdade é uma só: esse retrato feito de letras foi tratado como sandice obscena, abuso dos abusos, coisa de pervertido quando ganhou vida impressa. Já, já, você vai saber por quê.

UNSIAMOS E TANTOS

Muitas vezes a gente nem desconfia muito de como somos crias do nosso tempo e das ideias que se espalham numa determinada época. Mas é só olhar para as nossas fotos mais antigas pra ver como o que nos cerca nos influencia e nos molda, né, não?

Com autores isso fica ainda mais claro, porque o contexto do tempo deles vai se infiltrando no texto e no enredo, mesmo sem querer querendo. Por isso, pode ser prático e revelador entender três palavras que sempre surgem grudadas no nome do tal Oscar Wilde: dandismo, esteticismo e decadentismo.

Oscar é mesmo — e pra sempre será — o ultrassímbo-lo do dandismo, a encarnação absoluta da figura do dândi. Essa é uma parada engraçada que, nos tempos do cúmulo da Revolução Industrial e da criação de uma nova ordem social (com operários de um lado e novos-ricos sem sangue azul do outro), se alastra em um punhado de jovens que estão achando aquilo tudo feio e sem graça. Sim, minas de carvão, fábricas poeirentas e cheias de máquinas e de gente explorada em um ambiente de capitalismo selvagem para produzir coisas menos artesanais e mais padronizadas dão ao mundo da época um ar estranho e controverso. E os bem-colocados na vida estão mesmo com nojo daquilo, doidos pra mostrar que não fazem parte daquela novidade “feia”.

Essa turma elitista entra numas de se vestir de um jeito diferente, exagerado, modelito ostentação de chique, tendo como inspiração supratudo o tempo áureo dos reis

e rainhas, dos babados e luxos desmedidos. E passa seu tempo dizendo que o ócio é que é legal, que só importa na vida é fazer nada de útil e curtir as baladas, a boa comida, as frescuras caras e raras, o exótico — enquanto um bando de gente serve os dondocos, né?

Além disso, os dândis são bons de boca: conversam sempre cheios de tiradas, de patadas finas, debochando um do outro, com frases mais afiadas que garras de águia.

Nas artes, esse jeitinho de viver dá as mãos ao esteticismo e faz do nosso Wilde um dândi e um esteta. Mas que carácoles é isso? Ah, o esteticismo é uma onda de sobrevalorização da arte pela arte. O pessoal ligado a essa ideia acha que pinturas, poemas, romances, peças, esculturas e tudo o mais não precisam ficar passando recado político, moral ou educativo. E devem ainda viver longe do que impera na vida do sujeito comum.

Eles achavam que o mundo estava ficando feio com a tal sociedade industrializada, mecanizada. Que a utilidade estava empurrando pra fora da equação a beleza, o detalhe do adorno. Que o mau gosto e a caretece estavam virando praga, tomando conta de tudo, e que eles não se encaixavam em nada, em canto algum. E isso nos liga, afinal, ao terceiro ISMO que persegue a vida do Oscar: o decadentismo.

O que havia era que o século XIX estava acabando e pairava no ar uma *vibe* de fim dos tempos, de desconfiância e medo do que viria a seguir, o que, na literatura, acabando em textos meio mórbidos, com pitadas de esnobismo, machismo, busca de coisas diferentes, intensas, exóticas e uma sensação que nos Instagrams da vida seria parecida com aquela fase de YOLO (*You Only Live Once*, ou seja, você só vive uma vez...). Caia de boca, então, oras!

ENREDE-SE NO ENREDO

Agora, sabendo o que cercava o autor e o que ele pensava da vida, dá pra entender melhor a obra. Saca só este resuminho aqui, ó:

O drama da trama se passa em Londres, na Era Vitoriana, que é como é chamada a fase em que a rainha do Reino Unido era a dona Vitória, que mandou por lá de 1819 até o comecinho de 1901.

Ali, um pintor riquinho, Basil Hallward, está fazendo o quadro de um rapaz bonitão, que é o Dorian Gray. Um amigo do artista, Lord Henry Wotton (outro *playboy* dos grandes), vê aquilo e fica doido pra conhecer o retratado. Por coincidência, o modelo chega lá e eles conversam. O lorde envenena a cabeça do Dorian falando que ele vai ficar velho e que aquilo vai acabar com a beleza dele e, por extensão, com a vida boa e alegre do moço. A ideia finca as quatro patas no cabeção do rapaz, que diz em voz alta que daria tudo para nunquinha perder aquele ar belo de juventude. E a praga pega — apesar de ele ainda não saber disso.

Graças a uma herança, Dorian passa a vida na esbórnia, na farra, bebendo, amando homens e mulheres, sem ter que trabalhar, enchendo os cornos de ópio, virando peça central de vários escândalos num etc. sem fim. E não envelhece nunca, porque rolou uma troca assombrada ali: enquanto Dorian permanece eternamente novinho, o quadro que Basil pintou vai ficando todo detonado, deformado, marcado pela vida física e moralmente abusiva que o modelo vive. E aquilo vai mexendo e mexendo mais e mais com os miolos do Dorian, até que a coisa fica violenta mesmo, feia, e acaba em... não vou dar *spoiler*, né?

A OBRA E O OBREIRO

O irlandês Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde — ou simplesmente Oscar Wilde — nasceu em 1854, em uma família legal das pernas. O cara estudou sempre nas melhores escolas e depois de se formar resolveu ser escritor. A carreira deu certo e ele escreveu de tudo: poemas, este romance aqui, matérias pra jornal, críticas, resenhas e ainda comédias para o teatro que, aliás, faziam grande sucesso (e ainda fazem).

Em 1884, ele se casou com Constance Lloyd e os dois tiveram dois pimpolhos. Mas, uns sete anos depois, a vida

do cara complicou geral. Um tal de marquês de Queensberry saiu dizendo em voz alta pelos lugares elegantes da cidade de Londres que Oscar tinha degradingolado a vida do filho dele, que o irlandês era homossexual.

Oscar negou tudinho, ficou furioso com aquilo e, à moda de Napoleão, achou que a melhor defesa pro caso seria o ataque. Foi lá ele então processar o marquês por difamação. E aí o negócio derrapou de vez. No decorrer do julgamento, a roupa suja da vida de Wilde foi toda colocada no varal do olhar público, enquanto o advogado do marquês dava no escritor uma sova de exemplos, argumentos e tudo o mais, usando a versão original de *O retrato de Dorian Gray* pra colocar Oscar no xilindró, acusando-o (olha só que caretice!) de homossexualidade. Pois é, um babado forte e real! E o texto, de fato, vive insinuando que vários personagens estavam mais pra namorados ou companheiros eventuais de cama que qualquer outra coisa. Mas tudo é sempre muito no armário e tenso. Sem muito espaço pra felicidade.

Por outro lado, temos que dizer também que o livro não foi condenado pela justiça. O máximo que aconteceu em relação ao escrito foi muito disse me disse, cara feia e uns artigos dizendo que o mundo estava descabelado, com os tais “homens de bem” dando faniquito como se estivessem prestes a ter um infarto coletivo. Mas foi isso: foi a vida real do Oscar Wilde que o levou pra cadeia. Afinal de contas, num tempo em que a lei dizia que ser homossexual era crime na Inglaterra, Oscar, que era casado e tinha filhotes, vivia dando bandeira — descolando sexo de noitão nas ruas com outros caras, frequentando inferninhos, banheirões e parques onde rolava um trepa-trepa, e passando temporadas agarradão com algum “amigo” que devia ser mesmo um namorado e ponto-final.

Com Oscar condenado por indecência a dois anos de prisão com trabalho pesado, começou a chover desgraça em cima da cabeça da esposa dele, de modo que ela mais que depressa passou a mão nos moleques e se picou pra Suíça, onde tratou também de mudar o sobrenome deles todos.

Depois, quando Wilde saiu da prisão, a saúde do dândi estava aos cacos, e a reputação, abaixo de -20. Ele foi-se embora de Londres para a França, onde adotou o nome de Sebastian Melmoth.

Por lá, escreveu ainda mais um livro, mas morreu em Paris no final do ano de 1900. Quer dizer, morreu e não morreu, né? Porque ele é hoje considerado um gênio criativo. É lido e relido, estudado e admirado no mundo todo e continua conquistando leitores como se estivesse ainda bem aqui entre nós.

Fátima Mesquita

Espia só a lista dos principais títulos assinados por Oscar Wilde:

RAVENNA (1878)

O CRIME DE LORD ARTHUR SAVILE (1888)

O FANTASMA DE CANTERVILLE (1888)

O PRÍNCIPE FELIZ (1888)

O RETRATO DE DORIAN GRAY (1890)

A ALMA DO HOMEM SOB O SOCIALISMO (1891)

O LEQUE DE LADY WINDERMERE (1892)

UMA MULHER SEM IMPORTÂNCIA (1893)

UM MARIDO IDEAL (1895)

A IMPORTÂNCIA DE SER PRUDENTE (1895)

DE PROFUNDIS (1895)

A BALADA DO CÁRCERE DE READING (1898)

O PREFÁCIO

O ARTISTA É O CRIADOR DE COISAS BELAS.

Revelar a arte e ocultar o artista é a meta da arte.

O crítico é aquele que pode traduzir em outro estilo ou num novo material sua impressão das coisas belas.

A forma mais elevada de crítica, assim como a mais baixa, é uma espécie de autobiografia.

Aqueles que encontram sentidos feios em coisas belas são corruptos sem ser graciosos. Isso é um defeito.

Aqueles que encontram belos sentidos em coisas belas são os refinados. Para esses há esperança.

Eles são os eleitos para os quais as coisas belas significam apenas Beleza.

Não existe livro moral ou imoral.

Livros são bem escritos ou mal escritos. Isso é tudo.

A aversão do século dezenove pelo Realismo é a raiva de Caliban ao ver seu próprio rosto num espelho.

A aversão do século dezenove pelo Romantismo é a raiva de Caliban ao não ver seu próprio rosto num espelho.

A vida moral de um homem faz parte do tema do artista, mas a moralidade da arte consiste no uso perfeito de um meio imperfeito.

Nenhum artista deseja provar o que quer que seja. Até mesmo coisas verdadeiras podem ser provadas.

Nenhum artista tem inclinações éticas. Uma inclinação ética num artista é um imperdoável maneirismo de estilo.

Nenhum artista jamais é mórbido. O artista pode expressar tudo.

Pensamento e linguagem são, para o artista, instrumentos de uma arte.

Vício e virtude são, para o artista, materiais de uma arte.

Do ponto de vista da forma, o modelo de todas as artes é a arte do músico. Do ponto de vista do sentimento, a perícia do ator é o modelo.

Toda arte é ao mesmo tempo superfície e símbolo.

Aqueles que vão além da superfície o fazem por sua conta e risco.

Aqueles que leem o símbolo o fazem por sua conta e risco.

É o espectador, e não a vida, que a arte realmente espelha.

A diversidade de opiniões sobre uma obra de arte mostra que a obra é nova, complexa e vital.

Quando os críticos discordam entre si, o artista está de acordo consigo mesmo.

Podemos perdoar um homem que faz uma coisa útil desde que ele não a admire. A única desculpa para fazer uma coisa inútil é que ela seja admirada intensamente.

A arte é perfeitamente inútil.

Oscar Wilde





O ATELIÊ ESTAVA IMPREGNADO do aroma esplêndido de rosas, e, quando a leve brisa de verão soprou as folhas das árvores do jardim, entrou pela porta aberta a fragrância intensa do lilás, ou o perfume mais delicado do espinheiro de flores róseas.

Do canto do divã de almofadas persas onde estava recostado, fumando, como de hábito, inumeráveis cigarros, Lord Henry Wotton podia apenas captar o vislumbre das flores com cor e doçura de mel do **laburno**, cujos ramos trêmulos mal pareciam capazes de suportar o peso de uma beleza flamejante como aquela; e vez por outra as sombras fantásticas de pássaros em revoada cruzavam rapidamente as longas cortinas de **tussor** estendidas diante da enorme janela, produzindo uma espécie de efeito japonês momentâneo e fazendo-o pensar naqueles pálidos pintores de rosto de jade de Tóquio que, por meio de uma arte que é forçosamente imóvel, buscam transmitir a sensação de vivacidade e movimento. O murmúrio zangado das abelhas, que abriam seu caminho pela extensão da relva alta ou circulavam com monótona insistência em torno das anteras douradas de pólen das madressilvas dispersas, parecia tornar mais opressiva a quietude. O rugido abafado de Londres era como a nota grave de um órgão distante.

No centro da sala, afixado num cavalete vertical, via-se o retrato em tamanho natural de um jovem de extraordinária beleza pessoal, e diante deste, a uma pequena distância, estava sentado o artista em pessoa, Basil Hallward, cujo súbito desaparecimento alguns anos antes causara, na época,

Laburno > árvore ornamental com flores amarelas, também conhecida como corrente-de-ouro ou chuva-de-ouro.

Tussor > tecido de seda natural produzido em certas regiões da Índia e da China.

A **Grosvenor** e a **Academia** são duas galerias de arte. A “old” Grosvenor, dos tempos de Wilde, não existe mais. Não vale confundir com a galeria de mesmo nome, que é mais recente e funciona em Londres. Já a Academia continua firme e lampeira: trata-se da Royal Academy of Arts, também conhecida como Burlington House, que fica em Piccadilly, local em que Wilde adorava dar uns rolezinhos.

bastante alvoroço público e dera ensejo a muitas conjecturas estranhas.

Enquanto o pintor contemplava as formas graciosas e atraentes que refletira tão habilmente em sua arte, um sorriso de prazer abriu-se em seu rosto, dando a impressão de que permaneceria ali. Mas ele se ergueu de repente e, fechando os olhos, pousou os dedos nas pálpebras, como se buscasse aprisionar dentro do cérebro algum sonho estranho do qual temia acordar.

— É sua melhor obra, Basil, a melhor coisa que você já fez — disse Lord Henry, languidamente. — Você deve mandá-la com certeza à **Grosvenor** no ano que vem. A **Academia** é grande demais e vulgar demais. Todas as vezes que fui lá, ou havia tanta gente que eu não conseguia ver os quadros, o que era horrível, ou tantos quadros que não conseguia ver as pessoas, o que era pior. A Grosvenor é verdadeiramente o único lugar.

— Acho que não vou mandá-lo a lugar algum — respondeu o pintor, lançando a cabeça para trás daquele jeito singular que costumava fazer os amigos rirem dele em **Oxford**. — Não, não vou mandá-lo a lugar nenhum.

Lord Henry ergueu as sobrancelhas e fitou-o com espanto através das finas tranças azuladas de fumaça que subiam

em espirais muito caprichosas de seu cigarro fortemente **eivado de ópio**. — Não quer mandá-lo a lugar algum? Mas por quê, meu caro amigo? Tem alguma razão para isso? Que sujeitos estranhos são vocês, artistas! Fazem tudo para conquistar uma reputação. Tão logo a conquistam, parecem querer jogá-la fora. É uma tolice da sua parte, porque no mundo só há uma coisa pior do que ser falado: é não ser falado. Um retrato como esse iria situá-lo muito acima de todos os jovens da Inglaterra, e causar ciúme em todos

os velhos, se é que os velhos são capazes de alguma emoção.

— Sei que você vai rir de mim — respondeu —, mas de fato não posso exibi-lo. Coloquei nele muito de mim mesmo.

A Universidade de **Oxford** é a mais antiga da Inglaterra e, também, uma das melhores do mundo. Fazer um curso nela sempre foi, e é, puro pres-tígio. Oscar Wilde estudou lá.

Até a proibição chegar, em 1868, a galeria de Londres podia comprar **ópio** nas lojas de tabaco ou de balas e confeitos, nas barbearias e até nas casas de vinho. O produto era também receitado como medicamento contra tosse, dor de dente, soluço, febre, insônia, dor de cabeça, hemorroida e problemas de bexiga ou intestino. Ah, e **eivado**, aqui, significa sujo, manchado.

Lord Henry espreguiçou-se no divã e riu.

— Sim, eu sabia que você riria; mas é a pura verdade, de todo modo.

— Muito de você mesmo no quadro! Palavra de honra, Basil, eu não sabia que você era tão presunçoso; e realmente não consigo ver semelhança alguma entre você, com seu

rosto sulcado e robusto e seu cabelo preto como carvão, e este jovem **Adônis**, que parece feito de marfim e pétalas de rosa. Ora, meu querido Basil, ele é um **Narciso**, e você... bem, é claro que você tem uma expressão intelectual e tudo mais. Mas a beleza, beleza de verdade, termina onde começa uma expressão intelectual. O intelecto é em si mesmo um modo de exagero, e destrói a harmonia de qualquer rosto. No momento em que se senta para pensar, a pessoa se torna toda nariz, ou toda testa, ou algo horrível. Veja os homens bem-sucedidos em qualquer das profissões instruídas. Como eles são perfeitamente horrendos! Exceto, claro, na Igreja. Mas, também, na Igreja eles não pensam. Um bispo continua dizendo aos oitenta anos o que lhe ensinaram a dizer quando era um rapaz de dezito, e como consequência natural ele sempre tem uma aparência absolutamente encantadora. Seu jovem amigo misterioso, cujo nome você nunca me disse, mas cujo retrato me fascina de verdade, não pensa jamais. Estou bem certo disso. É uma criatura descerebrada, linda, que deveria estar sempre aqui no inverno quando não temos flores para contemplar, e sempre aqui no verão, quando desejamos algo que refresque nossa inteligência. Não se vanglorie, Basil: você não se parece nem um pouco com ele.

— Você não me entendeu, **Harry** — retrucou o artista. — Claro que não me pareço com ele. Sei disso perfeitamente bem. Na verdade, eu deveria lamentar se me parecesse com ele. Você encolhe os ombros? Estou dizendo a verdade. Há uma fatalidade em toda distinção física e intelectual, o tipo de fatalidade que parece espreitar ao longo da história os passos vacilantes dos reis. É melhor não ser diferente dos

Adônis é um deus da mitologia grega considerado “o” padrão da beleza masculina na cultura ocidental. Já o mito de **Narciso** vem também lá dos gregos: é aquele rapaz que morre por ficar apaixonado pela sua própria imagem refletida na água de uma lagoinha. A lenda de Narciso é tipo um símbolo de vaidade excessiva e daquela coisa de quem se acha a última bolacha do pacote quando, na verdade, está mais para farelo de pão dormido...

Harry é o diminutivo carinhoso de Henry. Só depois é que passou a ser diminutivo também de Harold. E só depois ainda é que Harry virou nome de vez com toda a propriedade.

nossos próximos. Os feios e os estúpidos tiram o melhor proveito deste mundo. Podem se sentar à vontade e arregalar os olhos diante da peça em andamento. Se eles não sabem nada sobre a vitória, pelo menos são poupados do conhecimento da derrota. Vivem como todos nós deveríamos viver, imperturbados, indiferentes, isentos de inquietação. Não impingem a ruína a outros, nem a recebem de mãos alheias. Sua posição e sua riqueza, Harry; meu cérebro, bem ou mal... minha arte, valha ela o que valer; a beleza de Dorian Gray... sofreremos todos pelo que os deuses nos deram, sofreremos terrivelmente.

— Dorian Gray? É esse o nome dele? — perguntou Lord Henry, atravessando o ateliê em direção a Basil Hallward.

— Sim, é esse o nome. Eu não tinha a intenção de lhe dizer.

— Mas por que não?

— Ah, não sei explicar. Quando gosto imensamente de alguém, nunca digo seu nome a quem quer que seja. Seria como renunciar a uma parte da pessoa. Passei a amar a discrição, o segredo. Parece ser a única coisa capaz de tornar a vida moderna misteriosa ou maravilhosa para nós. A mais comum das coisas fica encantadora se a gente a esconder. Quando saio da cidade, agora, nunca conto ao meu pessoal para onde estou indo. Se contasse, perderia todo o meu prazer. É um hábito tolo, admito, mas de algum modo parece introduzir um bocado de romance na vida da gente. Suponho que você me julgue um tremendo de um tonto por causa disso.

— De modo algum — respondeu Lord Henry —, de modo algum, meu caro Basil. Você parece esquecer que sou casado, e o único encanto do casamento é fazer que uma vida de tapeação seja absolutamente necessária para ambas as partes. Nunca sei onde minha esposa está, e minha esposa nunca sabe o que estou fazendo. Quando nos encontramos... pois ocasionalmente nos encontramos, quando jantamos fora juntos, ou quando visitamos o duque... contamos um ao outro as histórias mais absurdas com a fisionomia mais séria. Minha esposa é muito boa nisso... muito melhor do que eu, a bem da verdade. Nunca se confunde quanto a datas, ao contrário de mim. Mas, quando acontece me surpreender no

erro, ela não faz escândalo nenhum. Às vezes eu até gostaria que ela fizesse; mas ela simplesmente ri de mim.

— Detesto o modo como você fala de sua vida conjugal, Harry — disse Basil Hallward, caminhando em direção à porta que levava ao jardim. — Creio que você na verdade é um ótimo marido, mas se envergonha muito de suas próprias virtudes. Você é um sujeito singular. Nunca diz uma coisa de ordem moral, e nunca faz uma coisa errada. Seu cinismo é simplesmente uma pose.

— Ser natural é simplesmente uma pose, e a mais irritante que eu conheço — retorquiu Lord Henry, rindo; e os dois jovens saíram juntos para o jardim, acomodando-se em seguida num banco comprido de bambu à sombra de um alto arbusto de loureiro. A luz do sol deslizava sobre as folhas lustrosas. Na relva, margaridas brancas tremulavam.

Depois de uma pausa, Lord Henry tirou do bolso o relógio. — Infelizmente preciso ir, Basil — murmurou —, e antes de sair insisto em que responda à pergunta que lhe fiz há pouco.

— Que pergunta? — disse o pintor, mantendo os olhos fixos no chão.

— Você sabe muito bem.

— Não sei, não, Harry.

— Bem, então vou lhe contar. Quero que você me explique por que não quer expor o retrato de Dorian Gray. Quero um motivo verdadeiro.

— Eu lhe disse o motivo.

— Não, você não disse. Disse que era porque havia muito de você mesmo no quadro. Ora, isso é muito infantil.

— Harry — disse Basil Hallward, fitando-o cara a cara —, todo retrato que é pintado com sentimento é um retrato do artista, não do modelo. O modelo é meramente o acaso, a ocasião. Não é ele que é revelado pelo pintor; é antes o pintor que, na tela colorida, revela a si mesmo. A razão pela qual não vou expor esse quadro é que receio haver mostrado nele o segredo da minha própria alma.

Lord Henry riu. — E esse, qual seria? — perguntou.

— Vou lhe contar — disse Hallward; mas uma expressão de perplexidade dominou seu rosto.

— Sou todo ouvidos, Basil — prosseguiu seu amigo, encarando-o.

— Oh, na verdade há muito pouco a contar, Harry — respondeu o pintor; — e receio que você não consiga entender. Talvez nem chegue a acreditar.

Lord Henry sorriu e, inclinando-se para a frente, colheu na relva uma margarida de pétalas rosadas, que passou a examinar. — Tenho plena certeza de que entenderei — respondeu, fitando intensamente o pequeno disco dourado de plumas brancas —, e, quanto a acreditar, posso acreditar em qualquer coisa, desde que seja perfeitamente inacreditável.

O vento derrubava os frutos de algumas árvores, e as pesadas flores de lilás, com seus cachos de estrelas, balançavam de um lado para outro no ar lânguido. Um gafanhoto começou a **estridular** junto ao muro e, como uma risca azul, uma libélula fina e comprida passou voando com suas transparentes asas marrons. Lord Henry quase podia ouvir o coração de Basil Hallward bater, e perguntava-se o que estava por vir.

— A história é simplesmente esta — disse o pintor depois de um momento. — Dois meses atrás fui a uma concorrida reunião na casa de Lady Brandon. Você sabe que nós, pobres artistas, temos que nos mostrar à sociedade de tempos em tempos, só para lembrar ao público que não somos selvagens. Com uma casaca elegante e uma gravata branca, como você me disse uma vez, qualquer um, até um corretor de valores, pode ganhar a reputação de civilizado. Bom, depois que eu já estava no salão havia uns dez minutos, conversando com viúvas endinheiradas trajadas com exagero e entediadas membros da Royal Academy, de repente me dei conta de que havia alguém me observando. Virei parcialmente o rosto e vi Dorian Gray pela primeira vez. Quando nossos olhos se encontraram, senti que eu empalidecia. Uma curiosa sensação de terror me dominou. Percebi que me encontrava face a face com alguém cuja mera personalidade era tão fascinante que, se eu assim permitisse, absorveria toda a minha natureza, toda a minha alma, minha própria arte. Eu não queria nenhuma influência externa em minha vida. Você mesmo sabe, Harry, como sou independente por natureza. Sempre

Estridular > emitir um som agudo e estridente.

fui senhor de mim mesmo; pelo menos havia sido até conhecer Dorian Gray. Então... mas não sei como lhe explicar. Alguma coisa parecia me dizer que eu estava no limiar de uma crise terrível em minha vida. Tinha a estranha sensação de que o Destino me reservava alegrias sublimes e sofrimentos igualmente sublimes. Tive medo, e dei meia-volta para deixar o salão. Não era a consciência que me levava a fazer isso: era uma espécie de covardia. Não me concedo nenhum mérito por tentar fugir.

— Consciência e covardia na verdade são a mesma coisa, Basil. Consciência é a razão social da firma. Só isso.

— Não acredito nisso, Harry, e acho que tampouco você acredita. No entanto, fosse qual fosse minha motivação (e pode ter sido orgulho, pois eu era muito orgulhoso), o certo é que me encaminhei com esforço para a porta. Lá, é claro, topei com Lady Brandon. “Vai sair correndo assim tão cedo, senhor Hallward?!”, exclamou ela. Você conhece aquela estranha voz estridente?

— Conheço; ela é um pavão em tudo, menos na beleza — disse Lord Henry, fazendo a margarida em pedaços com seus longos dedos nervosos.

— Não consegui me livrar dela. Apresentou-me a membros da realeza e a pessoas que ostentavam títulos de nobreza, bem como a senhoras idosas com tiaras gigantescas e narizes de papagaio. Falava de mim como sendo um amigo querido. Eu só a tinha encontrado uma vez, mas ela resolveu me exibir como uma celebridade. Acho que algum quadro meu havia feito um grande sucesso na época, ou pelo menos gerara falatório nos jornais baratos, o que no século dezenove passa por padrão de imortalidade. De repente me vi face a face com o jovem cuja personalidade me afetara de modo tão estranho. Estávamos bem próximos, quase nos tocando. Nossos olhos se encontraram novamente. Foi imprudente de minha parte, mas pedi a Lady Brandon que me apresentasse a ele. Talvez não tenha sido tão imprudente assim, afinal. Era simplesmente inevitável. Teríamos falado um com o outro sem nenhuma apresentação. Estou certo disso. Dorian me falou a respeito depois. Ele também sentia que estávamos fadados a nos conhecer.